

**ÁGUA DE MENINOS:
INSIGHTS DE UMA
ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA
DA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA***



LEANDRO DOMINGUES DURAN**, GILSON RAMBELLI***

Resumo: Baseado na proposta de uma arqueologia do lixo marítimo a partir da perspectiva da paisagem submarina, como proposto por Mirja Arnshav, este artigo explora um conjunto particular de artefatos identificados em contextos submersos associados ao Porto Organizado da cidade de Salvador, na região historicamente conhecida como Água de Meninos. Explorando o ineditismo da discussão de uma arqueologia marítima de contextos contemporâneos ou do passado recente no âmbito da arqueologia brasileira, estabelece-se um diálogo com a rara produção nacional sobre a matéria, apresentando uma interpretação dos diferentes processos culturais operados nesse espaço marítimo.

Palavras-chave: Água de Meninos. Arqueologia Marítima. Arqueologia Subaquática. Arqueologia do Lixo.

O presente artigo se caracteriza enquanto uma reflexão sobre parte dos resultados obtidos pelo levantamento arqueológico subaquático realizado na região do Porto Organizado de Salvador pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, para a CODEBA, entre os anos de 2009 e 2010, como parte dos procedimentos de licenciamento ambiental relacionados ao processo de expansão/alteração das estruturas

* Recebido em: 20.01.2019. Aprovado em: 13.06.2019.

** Doutor em Arqueologia. Professor do Departamento de Arqueologia (Darq) e do Programa de Pós-graduação em Arqueologia (Proarq) da Universidade Federal de Sergipe. Co-coordenador do Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos/UFS. *E-mail:* duran.arque@gmail.com

*** Doutor em Arqueologia. Professor do Departamento de Arqueologia (Darq) e do Programa de Pós-graduação em Arqueologia (Proarq) da Universidade Federal de Sergipe. Co-coordenador do Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos/UFS. *E-mail:* gilson.rambelli@gmail.com.

portuárias edificadas. As atividades de pesquisa ali desenvolvidas estiveram relacionadas a levantamentos subaquáticos extensivos e intensivos dos espaços submersos adjacentes àquela instalação portuária, indo desde a região de Água de Meninos até a extremidade sul desse importante equipamento infraestrutural náutico. Especificamente no que se refere à ponta norte da referida unidade portuária, na área V do Plano de desenvolvimento e zoneamento destinada ao terminal de contêineres, na região conhecida como Água de Meninos, os trabalhos possibilitaram o mapeamento de diferentes contextos materiais associados à conjuntura contemporânea relacionados tanto com o cotidiano daquela estrutura portuária, quanto à práticas perpetradas por grupos de marítimos que também se utilizaram desse espaço e deixaram, ali, a marca de sua presença.

A ocupação da região de Água de Meninos, na cidade de Salvador, remonta mesmo ao século XVI, quando a área foi doada aos jesuítas na forma de uma fazenda e se transformou na primeira propriedade da referida ordem no território da América Portuguesa, tendo funcionado, ali, uma casa de instrução de órfãos (LEITE, 1956; FERREIRA JÚNIOR; BITTAR, 1999). Talvez demonstrando uma relação de longa duração, naquela mesma área se estabeleceu a antiga Casa Pia de Órfãos São José posterior, Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim, instituição que remonta ao ano de 1799 e que funcionou até 1910. Essa última instituição atuou na formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho soteropolitano, inclusive para o fornecimento de candidatos para a Escola de Aprendizes do Arsenal de Marinha (MATTA, 1996). No mesmo local, a presença de um pequeno riacho, posteriormente transformando em fonte, garantiu um farto provimento de água doce cuja proximidade com o ambiente marítimo lhe transformou em uma importante estrutura náutica ao servir para o abastecimento das diferentes tripulações de embarcações de passagem ou destinadas ao porto de São Salvador ao longo dos séculos (ARAÚJO, 2011). Desse modo, foi a presença do referido equipamento educacional jesuíta voltado para os infantes órfãos, vinculado ao serviço de ‘aguada’ prestado pelo riacho aos nautas do período colonial, que garantiu a designação toponímica que persiste até os dias de hoje e que foi tão intensamente marcada na cartografia histórica: Água de Meninos.

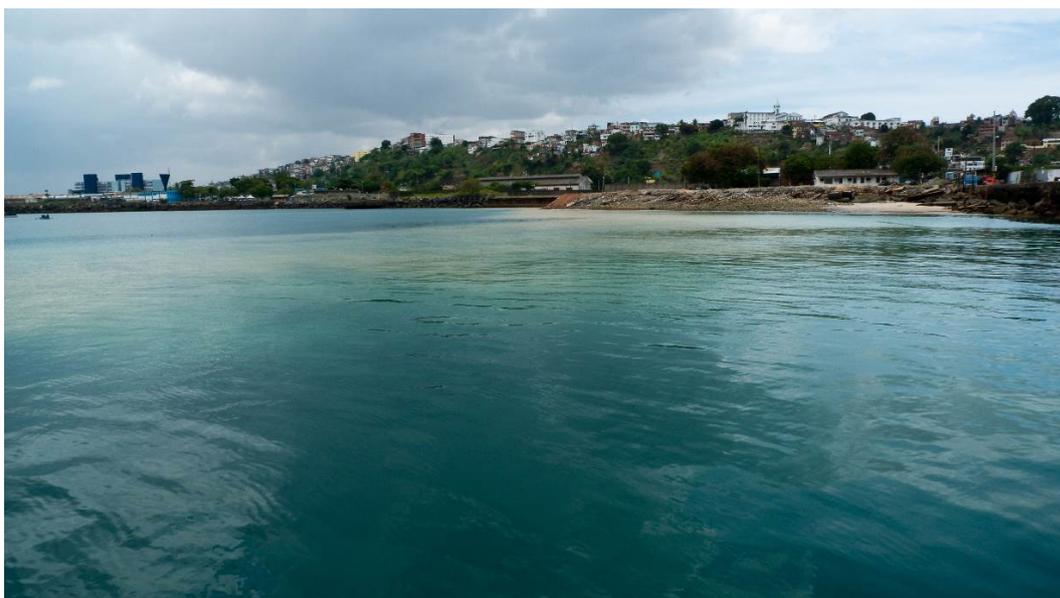


Figura 1: Perspectiva da área de pesquisa
Fonte: Foto de Leandro Duran

A importância marítima do local se confirmou com a fundação de uma fortificação, ela, também uma estrutura náutica, inicialmente conhecida como Torre de São Tiago, posterior Santo Alberto ou forte da Lagartixa, que ainda se encontra ‘guardando’ essa parte da capital baiana (OLIVEIRA, 2007). Em períodos mais recentes, outra importante referência histórica é a famosa Feira de Água de Meninos, registrada por figuras como o viajante e fotógrafo moderno Pierre Verger¹, e que era abastecida por uma grande frota de embarcações provenientes de todos os pontos do recôncavo e mesmo de áreas interioranas servidas pelos rios que ali deságuam. Desaparecida na década de sessenta do século XX devido a um grande incêndio ocorrido em condições suspeitas, uma vez que era considerado um ambiente potencialmente explosivo e um foco de articulação política popular; sua importância foi reconhecida na música de um dos mais expressivos artistas baianos, Gilberto Gil, em seu álbum Louvação, de 1967, com a música Água de Meninos (SIMON, 2006). A antiga feira foi substituída pela atual feira de S. Joaquim, que ainda recebe a visita de algumas das poucas embarcações tradicionais em operação, como os saveiros.

POR UMA ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA DA CONTEMPORANEIDADE

Tradicionalmente entendida enquanto uma ciência voltada para a compreensão do passado das sociedades humanas, tendo, inclusive, já sido definida por alguns como o estudo das ‘sociedades extintas’, a Arqueologia vem expandindo seu raio de ação temporal e agregando à suas preocupações de pesquisa elementos materiais e processos sociais cronologicamente cada vez mais recentes. Marco importante nesse processo foi o surgimento, no cenário da arqueologia norte-americana, da chamada *archaeology of us*, entre o final dos anos de 1970 e o início da década de 1980, sob a batuta de Michael Schiffer e Richard Gould (GONZÁLEZ-RUIBAL *et al.*, 2014). Naquela oportunidade, o trabalho com culturas materiais contemporâneas apresentava um amplo potencial que poderia ser aproveitado para o ensino dos conceitos básicos da prática arqueológica; como um campo de teste para novas metodologias de análise de modelos processualistas; como uma prática etnoarqueológica de registro do presente; e como um espaço para a produção de uma verdadeira metodologia de análise comparativa que pudesse ser aplicada a todos os contextos culturais e cronológicos (RATHJE, 1981). O foco principal dessas pesquisas iniciais, nesse sentido, não estava relacionado propriamente com a formulação de interpretações sobre o passado recente ou o presente, voltando-se, antes, para a formulação de analogias entre diferentes conjunturas culturais e temporais, e o teste e/ou desenvolvimento de metodologias analíticas pretensamente universalmente aplicáveis (ANDRÉN, 1998; GONZÁLEZ-RUIBAL *et al.*, 2014). O *Tucson Garbadge Project*, de Willian Rathje, com sua intenção de construir uma ‘garbologia’ da sociedade contemporânea, que poderíamos traduzir como o estudo do lixo ou uma arqueologia do lixo, é que se apresenta como a referência que melhor se aproxima daquela proposta (LEONE, 1981; GONZÁLEZ-RUIBAL *et al.*, 2014; ARNSHAV, 2014).

Mas foi apenas com o advento da teoria pós-processualista que uma arqueologia da contemporaneidade, propriamente dita, viria a se estruturar enquanto um campo de investigação específico. Já naquele que é considerado um dos referenciais básicos da nova proposta teórica, o livro de Shanks e Tilley (1992), *Re-Constructing Archaeology*, cuja primeira edição veio em 1987, os autores defendem a seminal importância de pesquisas dessa natureza, ofertando um estudo de caso relativo às latas

de cerveja suecas e britânicas, e de sua propaganda associada, vistas como formas de comunicação engajadas na criação de significados ideológicos voltados à valorização do consumo. Mais tarde, visando a construção de uma proposta mais programaticamente estruturada, Buchili e Lucas (2001) retomaram a perspectiva de uma arqueologia do passado recente e/ou do presente, deixando de lado o foco metodológico voltado para analogias, inicialmente proposto nos estudos pioneiros de Gould e Schiffer, e lançaram-se à construção de uma efetiva reflexão arqueológica sobre as conjunturas do presente. Criando uma diferenciação entre os conceitos de ‘passado recente’ e ‘contemporaneidade’, que indicariam distintos graus de proximidade e engajamento em relação ao objeto de pesquisa, os autores defendem um forte comprometimento político da disciplina com a transformação do futuro através de uma arqueologia do ‘agora’ graças ao empoderamento de grupos considerados ‘subalternos’ gerado pela explicitação das estruturas de dominação contemporâneas. Essa proposta abarcou inicialmente o viés de uma arqueologia do conflito, considerando o papel até mesmo terapêutico da prática arqueológica, diversificando-se posteriormente, para abordagens dedicadas mais à conjuntura cotidiana (GONZÁLEZ-RUIBAL *et al.*, 2014).

O peso da análise das relações de conflito se faz presente em outro grande nome do campo, González-Ruibal (2008), desta vez, tendo como base o conceito de uma ‘supermodernidade’ ocidental, que teria se iniciado com a Primeira Guerra Mundial, e que seria marcada por profundas alterações nas formas de comunicação e transporte, e na construção de uma nova forma de organização espacial identificada como os ‘não lugares’ (aerportos, rodovias, shoppings centers, etc.). Esse arqueólogo, também propõe uma abordagem criticamente engajada e assumidamente pessimista que deveria “[...] not only telling alternative stories but also unveiling what the supermodern power machine does not want to be shown” (GONZALEZ-RUIBAL, 2008, p. 247). Por outro lado, mais recentemente, Harrison (2011) propôs uma maior especialização do campo na discussão em aspectos relacionados à cultura material midiática e sua profunda transformação comunicativa com a criação dos ambientes virtuais de sociabilidade e produção capitalista em um mundo crescentemente global (HARRISON; SCHOFIELD, 2017).

No Brasil, esse tipo de abordagem vem ganhando terreno, com importantes trabalhos associados às diferentes posturas mencionadas anteriormente. Nesse sentido, alguns bons exemplos são: a pesquisa de doutorado de André Andrade (2006), *Arqueologia do Lixo*, que segue a proposta da ‘garbologia’ de Rathje (1981), abordando resíduos sólidos da cidade de Mogi das Cruzes, SP; Funari, Zarankin e Reis (2008), com seu *Arqueologia da repressão e da resistência*, que seguem o caminho aberto por Buchili e Lucas (2001) e González-Ruibal (2008), de uma arqueologia do conflito, dessa vez a partir das experiências ditatoriais da América Latina; os trabalhos de Rafael Abreu de Souza (2012; 2013a; 2013b; 2013c; 2013d), voltados para o cotidiano e espaços industriais operados no passado recente e em processo de arruinamento; a abordagem etnoarqueológica do doutorado de Daniella Magri Amaral (2012), *Loiça de Barro do Agreste*; e, por fim, as propostas de uma etnografia arqueológica do passado indígena recente de Silva e Noelli (2015). De forma programática, uma defesa do campo foi articulada apenas de forma breve em um texto da arqueóloga Beatriz Thiessen (2013), baseando-se no trabalho de Buchli e Lucas (2001) já comentado, onde a autora advoga contra o misticismo por trás de um pretensão distanciamento crítico e científico em relação ao investigador do ‘passado’, e conclama seus pares a abraçar a proposta de um engajamento

responsável com as questões do presente. Segundo suas palavras, que servem de baliza para o presente estudo:

Considero que o fazer arqueológico do passado recente possui uma importante relevância social que não existe para arqueologia de períodos mais antigos. Se a sociedade ocidental contemporânea tem como uma de suas principais características a destruição e o conseqüente esquecimento de si mesma, creio que o arqueólogo do passado recente tem uma importante contribuição a fazer: documentar a vida presente para as gerações futuras. Ao mesmo tempo, essa arqueologia pode ter o importante papel de desbanalizar o passado recente, mostrando, escancarando, o drama, os traumas e, porque não, as soluções da nossa vida cotidiana (THIESEN, 2013, p. 225-226).

Com relação às várias arqueologias dos ambientes aquáticos, os estudos de arqueologia náutica historicamente apresentam como característica de seu ferramental metodológico de pesquisa o desenvolvimento de analogias diacrônicas e ações de registro de tradições tecnológicas em processo de desaparecimento, similares aos moldes de uma *archaeology of us* mencionada anteriormente. Assim, como bem argumentam Basil Greenhil e John Morrison, baseando-se em Ole Crumlin-Pedersen e Séan McGrail, “[...] the study of the archaeology of boats and ships and the study of boats and ships in recent times usually by pre-industrial societies, the ‘ethnography’ of boats, are complimentary and neither should be pursued in isolation from the other” (GREENHIL; MORRISON, 1995, p. 08).

No que se refere ao desenvolvimento do que consideráramos como uma arqueologia do passado recente ou da contemporaneidade, a ideia não é propriamente estranha às arqueologias de ambientes aquáticos. A despeito da opinião de Keith Muckelroy (1978), ainda hoje um dos principais referenciais teóricos do campo da arqueologia marítima, ser explicitamente contrário a esse tipo de proposta, as mudanças ocorridas no seio da prática arqueológica de um modo geral também se fizeram presentes e levaram a uma gradual, porém progressiva abertura para pesquisas dessa natureza. Aqui, as necessidades postas pelas ações de gestão e preservação do patrimônio cultural submerso associado com as práticas memorialistas da Segunda Grande Guerra Mundial foram uma das vias para a inclusão da perspectiva arqueológica em sítios subaquáticos de meados do século XX, com trabalhos como os de Lenihan e Murphy, a partir de 1983, nos navios de guerra Arizona e Utah, afundados no ataque japonês a *Pearl Harbor* em 1941 (veja GOULD, 2001). De lá para cá, a arqueologia bélica da Primeira e Segunda Guerra já se estabeleceu como um tema de reflexão importante no campo da arqueologia histórica (NEYLAND, 2011). Na América do Sul, trabalhos voltados para essa temática só começaram a surgir apenas nos últimos anos, com estudos como o de Palacios et al. (2008), sobre o encouraçado nazista Graf Spee, e pesquisas acadêmicas desenvolvidas no âmbito do Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos da Universidade Federal de Sergipe, voltadas para as ações bélicas do U-507 junto ao litoral brasileiro (PORTO, 2013; ROSA, 2015).

Além disso, pesquisas voltadas para a análise de sítios de abandono e/ou cemitérios de embarcações, por exemplo, também foram importantes na ampliação do escopo temporal dos objetos de estudo da arqueologia náutica, pondo em xeque as perspectivas patrimoniais tradicionais ainda fortemente marcadas pela ideia da arqueologia como o estudo do passado distante, e levando ao desenvolvimento de reflexões sobre

contextos cada vez mais contemporâneos (RICHARDS; SEED, 2013). No que se refere à arqueologia subaquática, outro foco que se desenvolveu e se estabeleceu como um tema de pesquisa importante, na Austrália, foram (são) os estudos de sítios de aeronaves submersas (NUTLEY, 2006).

Mesmo com tais avanços, entretanto, como muito bem observa Mirja Arnshav (2014), um campo que ainda não conseguiu se desenvolver foi o de uma abordagem arqueológica de resíduos sólidos contemporâneos presentes em contextos submersos. Segundo a autora, considerados e tratados apenas a partir de sua qualificação enquanto elementos poluentes, eles continuam a passar ao largo dos interesses dos arqueólogos marítimos e subaquáticos, a despeito do enorme potencial de pesquisa desse ambiente, tão explorado pelas diferentes sociedades humanas como área de descarte. Sendo assim, “It is time for maritime archaeology to come to terms with the fact that these pollutants are of interest in their own right [...], be it with reference to environmentalist issues or as archaeological source material” (ARNSHAV, 2014, p. 02). Nesse sentido, ela propõe a superação dessa barreira através da construção do que ela chama de *maritime garbology*, prática de pesquisa que pode ser traduzida como o estudo arqueológico dos dejetos modernos presentes em ambientes marítimos submersos.

No Brasil esse tema de pesquisa pode ser considerado ainda como inédito. Dentre a literatura produzida até hoje temos conhecimento apenas de sua inclusão no âmbito de um relatório técnico de pesquisa dedicado à procedimentos de licenciamento ambiental, que deu origem ao presente texto e à dissertação de mestrado de Novaes (2013), sobre um dos achados realizados naquele projeto; e o trabalho acadêmico, traduzido em artigo científico, de autoria do arqueólogo Ricardo dos Santos Guimarães (2009; 2010), que será um importante interlocutor para as discussões aqui estabelecidas. Apesar do trabalho de Guimarães (2009; 2010) não focar especificamente nessa temática, sua breve, porém importante, discussão sobre achados contemporâneos presentes no sítio depositário da Enseada da Praia do Farol, na Ilha do Bom Abrigo (SP), é, provavelmente, o primeiro esforço acadêmico de inclusão desse tipo de reflexão no âmbito nacional, levantando uma reflexão sobre comportamentos culturais de descarte em ambientes aquáticos. Explorando um sítio depositário de um importante ponto de abrigo e fundeio para a navegação costeira do trecho sul do litoral brasileiro durante cerca de 500 anos, particularmente utilizado, atualmente, pelas diferentes embarcações pertencentes à frota pesqueira nacional, Guimarães (2009; 2010) debate questões relacionadas com as práticas alimentares das tripulações, muito embasadas no preparo e consumo de alimentos semi-prontos, de rápido preparo e consumo; a confirmação da importância do álcool na sociabilidade marítima; e uma fundamental reconsideração acerca da presença feminina no espaço marítimo, a partir da identificação de certos elementos cosméticos em um contexto essencialmente pesqueiro.

Entendida enquanto uma ciência social, a Arqueologia só se justifica a partir de uma função aplicada, transformadora da sociedade. Nesse sentido, ela passa a ser um instrumento de conhecimento que transcende eventuais barreiras temporais artificialmente construídas, sendo legitimamente aplicável a qualquer contexto material associado às sociedades humanas. Assim, se por um lado a questão do conceito do que pode ou não ser entendido como patrimônio arqueológico ainda se apresenta como uma construção ideológica com base em uma pretensa antiguidade da cultura material

e na sua conseqüente associação com uma determinada sociedade passada; por outro, isso não significa que não possamos avançar nas reflexões acerca do universo material das sociedades contemporâneas.

Tomado a partir de suas óbvias limitações frente aos textos citados acima, este artigo faz coro a tal posicionamento e pretende ser uma pequena contribuição nesse mesmo sentido. Seguindo a conclamação de Arnshav (2014) por uma arqueologia marítima do lixo, e procurando um diálogo com o trabalho de Guimarães (2009; 2010), apresentamos uma reflexão sobre diferentes contextos submersos, onde os trabalhos de levantamento arqueológico subaquático realizados para a ampliação do porto de Salvador levaram à identificação de um conjunto de elementos materiais espacialmente estruturados, cuja análise e interpretação permitiu a formulação de alguns *insights* sobre algumas das práticas ali desenvolvidas.

ÁGUA DE MENINOS: ENTRE A NORMA E A CONTESTAÇÃO

Tendo em vista a amplitude da área submersa a ser pesquisada (a ponta norte do Porto Organizado da cidade de Salvador) e o constante trânsito de embarcações, o uso de técnicas indiretas de investigação, através do emprego de sofisticados equipamentos geofísicos, foi uma condição que se impôs aos pesquisadores desde o início das atividades de levantamento arqueológico, principalmente no que se refere ao uso do sonar de varredura lateral. Tais ações foram complementadas por métodos diretos de investigação com a realização de inspeções visuais do fundo marinho através do emprego de arqueólogos-mergulhadores. Detalhada, porém de baixo rendimento em termos da área abordada, essa segunda metodologia se adequa ao levantamento de espaços pontuais e foi empregada na principal referência espacial ali presente: Água de Meninos (ESPANHA, 1988; RAMBELLI, 2002; BAVA-DE-CAMARGO, 2002; GREEN, 2004; SOUZA, 2006; DURAN, 2008; BOWENS, 2009).

Os resultados obtidos indicaram a presença de uma série de elementos materiais de caráter recente, gerados por ações de perda ou descarte das embarcações fundeadas, em trânsito, e/ou pelas atividades portuárias ali desenvolvidas. Assim, tomados em conjunto, tais elementos materiais também estão imbuídos de significado e, portanto, nos permitem utilizá-los para compor um quadro de diferentes processos históricos recentes, e mesmo contemporâneos, que operaram, ou que ainda estão em operação, naquela parcela de espaço marítimo que integra a Baía de Todos os Santos.

O fato de ser essa uma área bem abrigada, e fora do trânsito marítimo principal destinando ao porto, mas imediatamente adjacente ao mesmo, fez com que a extremidade norte do porto, associada à antiga região de Água de Meninos, se transformasse em um local ideal para a realização de pequenos reparos em embarcações que não exigissem a presença de uma doca seca. Tal funcionalidade deixou evidências materiais abaixo da linha d'água. Ali, nas porções mais profundas e distantes da linha de costa, o *seafloorscape* de Arnshav (2014), identificou-se um conjunto de materialidades especializadas composta por elementos associados à faina marítima contemporânea. Tais achados apresentam uma característica muito evidente, qual seja, a de um lixo operacional especializado, vinculado às atividades de apoio portuário e a seu uso enquanto espaço de reparo náutico.

Os elementos mais evidentes dessa nova funcionalidade talvez sejam os restos submersos de duas estruturas náuticas que devem ter sido levadas até aquele local para um processo de restauração que não se concretizou, ou simplesmente para serem parcialmente desmanteladas e, posteriormente, descartadas em um espaço onde não atrapalhariam o importante trânsito dos grandes navios, a saber: uma estrutura do tipo *dolphin*, utilizada como plataforma para atracação de embarcações, muito provavelmente relacionada com a operação do *ferry-boat* localizado logo ao lado (Localização “12°57’10.00”/“38°30’18.30”); e o casco de uma pequena lancha de apoio portuário (Localização “12°57’11.90”/“38°30’25.00”). Esses achados exigiram uma maior atenção por parte da equipe, com a realização de mergulhos que objetivaram o mapeamento das suas principais características estruturantes.

No que se refere à estrutura tipo *dolphin*, apresentando 9,90m de comprimento e 2,2m de largura, seu sistema construtivo estava baseado em cinco grandes tubulões de aço com 60cm de diâmetro, que formavam duas linhas sobrepostas, cada uma com três unidades. Sobre essa estrutura, adotando um sentido perpendicular à sua máxima extensão, vigas metálicas foram dispostas em intervalos regulares de 1,2m e serviram para o assentamento de uma camada de concreto com cerca de 35cm de espessura para formar a superfície de contato para as ações de acostamento das embarcações. Uma das extremidades apresentou, ainda, duas pequenas alças metálicas, possivelmente utilizadas nos procedimentos de instalação da estrutura a partir de guindastes e para seu reposicionamento e/ou deslocamento para novas áreas, visando a reconfiguração das estratégias de embarque e desembarque frente às novas necessidades, ou sua mera substituição permanente e consequente descarte.

Com relação à embarcação afundada, suas características indicam tratar-se de um vaso especializado de trabalho, notadamente uma lancha de apoio operacional a embarcações maiores, cujos vários equipamentos de amarração parecem indicar também seu uso potencial como um rebocador de pequenas embarcações e/ou outros tipos de equipamentos flutuantes como balsas, cábreas e pontões, por exemplo. Nesse último caso, suas reduzidas dimensões (16,7m de comprimento, por 4,5m de largura) indicam um funcionamento como ‘rebocador de porto’, não sendo propício para operar em águas marítimas abertas e mais distantes da costa. Nesse caso, esse tipo de embarcação especializada é comumente utilizada no apoio às áreas portuárias, auxiliando os navios em sua entrada, aproximação e operações de docagem, além de serem empregadas em tarefas como transporte de pessoas e cargas, combate à incêndios e serviços de reparos gerais. Nesse sentido, sua mera presença denota a existência de embarcações de grande porte que justificariam sua utilização, além de demonstrar a existência de um sistema instituído de apoio portuário que comprova ser esse um porto de intensa movimentação.

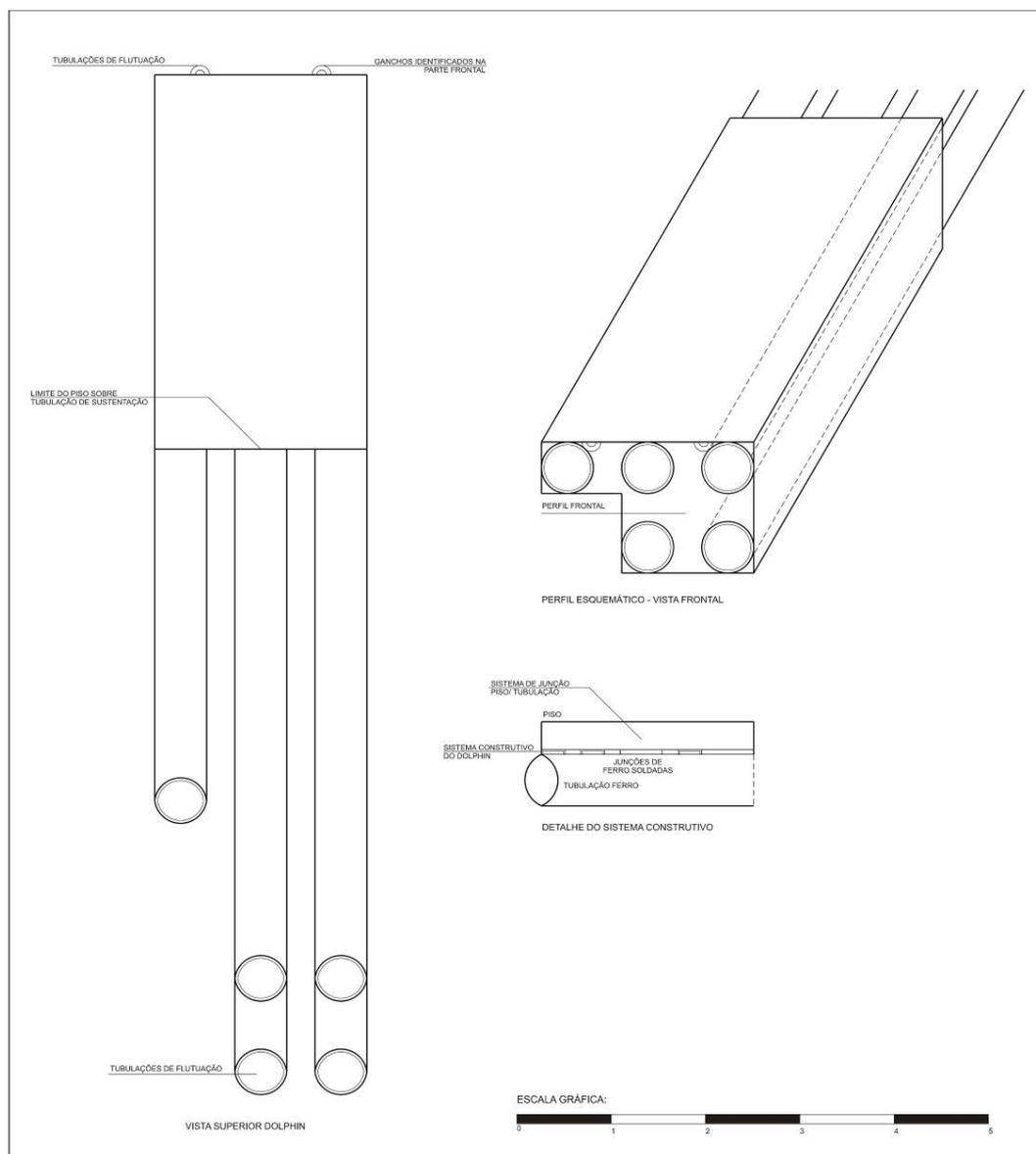


Figura 2: Croqui da estrutura do tipo Dolphin
 Fonte: Desenho de Gabriela Farias

Ainda considerando seu possível uso como rebocador, no que diz respeito às técnicas de operação, os elementos arquitetônicos da embarcação mapeados pela equipe apontam para a combinação de diferentes opções, caracterizando-a como um equipamento extremamente versátil do tipo *rope boat*. Em primeiro lugar, fica evidente a possibilidade para a realização de ações de reboque a partir da popa, haja vista a presença, ali, de um *H-bitt* (suporte de amarração) que se encontra disposto perpendicularmente à mesma. Vinculada a uma tradição marítima europeia, ela se caracteriza como sendo a técnica mais tradicional e convencional adotada pelos rebocadores em suas ações de auxílio portuário. Entretanto, estruturas de amarração (*H-bitt*) similares presentes na proa da embarcação, mas desta vez dispostas longitudinalmente ao seu eixo principal, parecem indicar o uso da técnica de reboque a contrabordo, vinculadas a uma tradição marítima americana, com o rebocador e sua carga navegando lado-a-lado. Essa técnica se adéqua mais às operações em espaços restritos, uma vez que diminui a amplitude do espaço operacional exigido para a manobra do conjunto (BAIRD, 2007; MATTERSON, 2007).

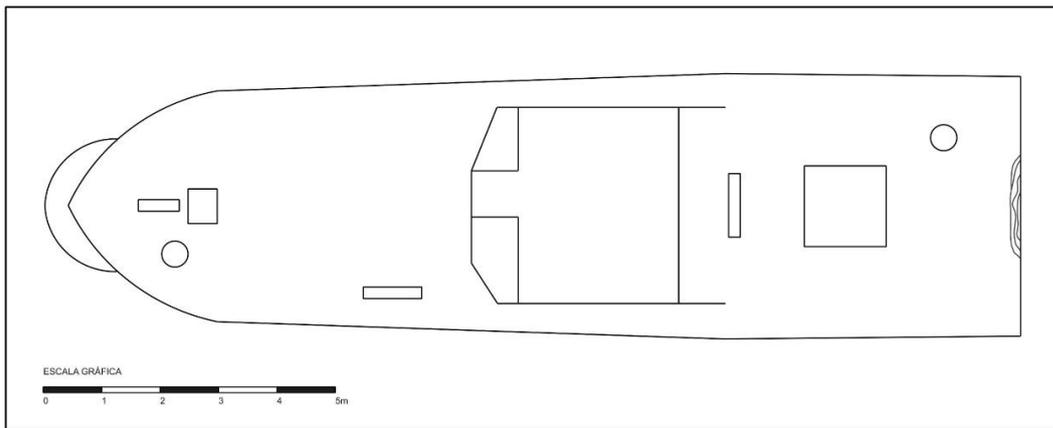


Figura 3: Croqui esquemático da embarcação de apoio portuário produzido durante as pesquisas
Fonte: Desenho de Gabriela Farias

As intervenções de inspeção e registro realizadas pelos arqueólogos-mergulhadores indicam que a embarcação, que segundo informações orais pertencia à empresa Petrobrás, foi intencionalmente desmantelada, com a retirada de seus equipamentos de navegação como motores, controles, sistemas elétricos e eletrônicos e, inclusive, a parte que formava o seu antigo casario; apenas o casco vazio permanecia no leito marítimo. A permanência, ou não, do sistema de propulsão não pôde ser verificada uma vez que o casco se encontrava parcialmente enterrado. Informes orais provenientes de mergulhadores locais remetem a um incêndio que teria avariado e finalmente provocado o afundamento da ‘lancha’. Tal informação, entretanto, não pôde ser comprovada. O próprio processo de desmantelamento pode ter ocorrido tanto antes quanto depois do afundamento, o que mantém abertas ambas as possibilidades. Há que se frisar a existência de sinais evidentes de uma colisão na parte superior da popa que provocou uma importante deformação em seu casco. Indício de um acidente, apesar de não ter causado o afundamento imediato da embarcação, é possível que ele tenha motivado a opção pelo seu desmantelamento e abandono final; outra possibilidade é de que tal avaria tenha sido ocasionada pela colisão com o próprio fundo marinho, quando de sua submersão.

Além desses dois grandes equipamentos náuticos, elementos de dimensões menores também foram identificados, notadamente uma grande quantidade de velhos pneus automotivos, de tamanhos variados, que serviam, certamente, como defensas para os cais de atracação e também para as diferentes embarcações que aí transitaram e operaram; assim como os restos de uma grande boia metálica de fundeio; um enorme tanque metálico com 1,3 de diâmetro e 9,6m de comprimento e parte de um vidro de vigia náutica. Comuns também foram os cabos de aço, importantes instrumentos operacionais das embarcações de apoio para embarque e desembarque de cargas e muito utilizados nos processos de reparos; além de chapas de aço, mangotes plásticos de diferentes diâmetros e comprimentos, e restos de discos de lixa e de borracha.

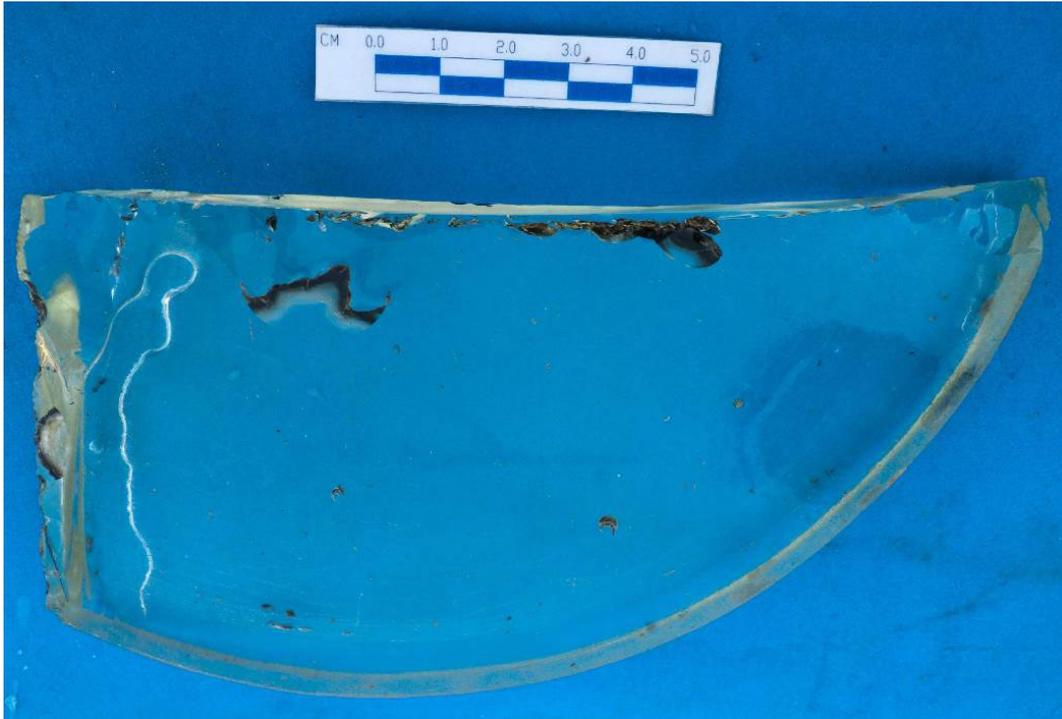


Figura 4: Fragmento de vidro de vigia
Fonte: Foto de Leandro Duran

Com exceção dos pneus automotivos, reutilizados e adaptados para servir como defensas, todo esse lixo operacional se diferencia em muito daquele encontrado por Guimarães na Enseada da Praia do Farol, marcado por fragmentos de madeira, partes de pequenos canos metálicos, restos de sistemas elétricos compostos por cabos de energia e baterias velhas, poitas de pedra, correias de motor e cintas de borrachas (GUIMARÃES, 2009; 2010). O que esse conjunto artefactual nos parece indicar é que, visitada basicamente por uma frota pesqueira, os reparos realizados ali se caracterizam enquanto intervenções pontuais e emergenciais em embarcações de pequeno e médio porte, como botes e traineiras construídos em madeira, realizadas pelos próprios tripulantes, com um conjunto limitado de ferramentas portáteis e sem peças sobressalentes de reposição. Por sua vez, os vestígios identificados na área portuária de Água de Meninos apresentam uma volumetria muito maior, com a presença de mega-artefatos, e indica um universo claramente mais especializado, associado ao emprego de mão de obra com formação técnica baseada na utilização de uma diversidade de equipamentos pesados como lixadeiras, soldas e maçaricos, e que estiveram voltados para a realização de consertos e/ou transformações de maior monta em equipamentos náuticos de ferro e aço.



Figura 5: Disco de corte utilizado
Fonte: Foto de Leandro Duran

Os trabalhos de levantamento arqueológico diretos realizados na região de Água de Meninos permitiram, também, a localização de uma série de artefatos portáteis de uso pessoal relacionado a ações cotidianas desenvolvidas naquele espaço marítimo. Um desses artefatos foi um calçado ocupacional de uso profissional, tipo botina de cano curto, com fechamento em elástico e bico de plástico, sendo indicado por serem impermeáveis, antiderrapantes, e resistentes à óleo combustível. Outros elementos dessa mesma natureza foram, uma luva de proteção, de natureza não plenamente identificada, podendo tratar-se de uma luva de raspa ou de uma luva tricotada com revestimento parcial de látex, ambas, utilizadas para proteção individual contra elementos abrasivos e escoriantes; e uma máscara descartável de proteção respiratória confeccionada a base de manta sintética e voltada para a proteção como poeiras, névoas e fumos metálicos. Esses materiais se caracterizam, essencialmente, como itens de segurança e proteção individual definidos para os uniformes de operários de grandes empresas dos setores de construção civil, indústria e construção naval. Nesse sentido, a presença de tais equipamentos indica a ocorrência de um espaço operacional dominado por ações e relações de trabalho mediadas por um intenso sistema de controle de condutas.



Figura 6: Calçado de uso ocupacional
Fonte: Foto de Gilson Rambelli



Figura 7: Luva de proteção individual
Fonte: Foto de Gilson Rambelli

Os poucos artefatos encontrados onde poderíamos ter um maior contato com marcadores de identidade individual, assumiram uma forma asséptica e revelam o mesmo funcionamento de importantes elementos de controle social nesse ambiente. Assim, no que se refere à alimentação, além de parte de um garfo e uma faca de mesa confeccionados em aço inox padrão, identificou-se uma série de copos e garrafas plásticas descartáveis. Não existem, ali, os utensílios de cozinha, como panelas, tampas, conchas e pratos decorados, e muito menos os restos de ossos cerrados e parcialmente calcinados, a exemplo daqueles encontrados na Enseada da Praia do Farol (GUIMARÃES, 2009; 2010). Isso estaria indicando uma dissociação entre as ações de preparo e consumo da comida, e uma 'especialização' voltada apenas para o consumo individualizado de alimentos previamente preparados. Ainda que Guimarães (2009; 2010) aponte a presença de alimentos semi-prontos na Enseada do Abrigo, isso não muda o fato de que a trilha culinária ali encontrada denota a manutenção de uma cadeia integrada no que se refere aos hábitos alimentares. Assim sendo, as características do acervo de Água de Meninos indicam, no entendimento dos autores, uma conduta voltada para a desvalorização de percepções/preferências individuais em prol de uma padronização massificadora determinada por algum agente de controle associado ao espaço de trabalho, seja no âmbito estético-simbólico, seja no que se refere aos hábitos alimentares.



Figura 8: Fragmento de garfo inox
Fonte: Foto de Leandro Duran

Nesse mesmo sentido, é digno de nota o fato de que apenas um único recipiente de bebida alcoólica (uma lata de cerveja) foi encontrado pela equipe no ambiente submerso de Água de Meninos, durante todos os mergulhos ali realizados. Isso contrasta, sobremaneira com outras áreas de uso marítimo conhecidas, como é o caso da Enseada da Praia do Farol, onde o trabalho de Guimarães (2009; 2010) identificou um grande volume e uma ampla variedade de recipientes de bebi-

das alcóolicas, reafirmando a tradição acerca da importância desses produtos para os grupos de trabalhadores marítimos. Queremos crer que tal ausência, ela própria um elemento dotado de caráter informativo, quer indicar uma ação efetiva dos mecanismos de controle do comportamento social dos operários e/ou marítimos que conviveram com aquele ambiente. Entendida enquanto espaço primordial de trabalho, essa porção do ambiente marítimo acaba por ser inserida na lógica capitalista, voltada para a ultra especialização dos espaços e atividades desenvolvidas, que teriam, na inclusão das bebidas alcóolicas, um perigoso adversário à ordem produtiva que se busca ali implantar. Assim, a alimentação, no âmbito do contexto submerso identificado em Água de Meninos, assume meramente a condição de uma necessidade básica, perdendo seu caráter de sociabilidade de uma coletividade de trabalhadores marítimos.

Mas o conjunto de elementos materiais ali identificados pelos levantamentos subaquáticos nos informa sobre usos e significados que transcendem as perspectivas até aqui apresentadas, qual seja, à de um espaço de trabalho especializado vinculado à autoridade portuária. Apesar de estarmos lidando com um espaço integrado aos limites físicos do porto organizado de Salvador, os elementos materiais ali presentes também permitiram a percepção de intromissões não planejadas e alheias aos mecanismos de controle que ali deveriam predominar. Nesse sentido, a ocorrência de linhas de pesca e de garatéias de produção caseira indicam a presença, pelo menos ocasional, de pescadores e embarcações privadas de pequeno porte voltadas para a prática pesqueira artesanal. Desalojadas, empurradas para cantos cada vez mais recônditos dos territórios, por conta da especulação imobiliária, para dar lugar a grandes empreendimentos privados ou equipamentos públicos de infraestrutura, como é o caso do próprio Porto Organizado, que alteram profundamente as relações de acesso e uso de ambientes e recursos (DIEGUES, 2005; SILVEIRA, 2010; LOPES, 2013; ARAÚJO, 2014), as comunidades ditas “tradicionais”, dentre elas os pescadores artesanais, contestam ativamente esse processo, continuando a reivindicar seus antigos direitos de uso através da manutenção de seus costumes.

Um elemento *sui generis* veio a reforçar a ideia de uma significação e uso popular também não controlado, desse espaço, a saber: um depósito ritual formado por um assentamento de *Exú*. O achado², feito durante o projeto de licenciamento ambiental, que deu origem à um trabalho de mestrado em arqueologia desenvolvido pela pesquisadora Luciana Novaes (2013) na Universidade Federal de Sergipe, permitiu o reconhecimento da enseada de Água de Meninos enquanto uma paisagem sagrada. Como bem argumenta a referida pesquisadora, corroborando uma hipótese também aventada no relatório de pesquisa produzido pelos presentes autores, muito mais do que uma oferenda lançada ao mar, o depósito, composto por totem submerso com cerca de 70 cm de altura, se caracteriza enquanto uma estrutura intencionalmente depositada no espaço subaquático, muito provavelmente, através do emprego de técnicas de mergulho livre. O fato de o totem apresentar-se livre de vida marinha agregada parece indicar inclusive a realização de ações periódicas de manutenção. Como esclarece Novaes (2013) em seu trabalho, precisamos ir além da simples materialidade dessa estrutura e considera-la a partir de todo seu poder ritual e sagrado que lhe compete funções que transcendem o universo observável da nossa existência, mas que, ao mesmo tempo, é essencial para que operemos nela.

[...] a submersão da cultura material dedicada a Exu, permite o acesso, o deslocamento e a circularidade entre o terrestre e o aquático, potencializando de forma sagrada as redes de relações que são construídas nessa particular paisagem. O uso dos mares e oceanos ganham novos sentidos a partir das relações religiosas e rituais construídas por agentes históricos entre o assentamento de Exu e a Enseada de Água de Meninos [...] A porta tangível, onde tudo entra e tudo sai das Feiras de Salvador é a própria Baía de Todos os Santos, a partir da submersão do assentamento de Exu no mar, teve sua existência associada ritualmente a uma porta intangível, reverenciada e cultuada como uma divindade, Exu, conferindo assim, o deslize inevitável entre o visível e o invisível, a morte e a vida, a terra e o mar [...] (NOVAES, 2013, p. 101-102).

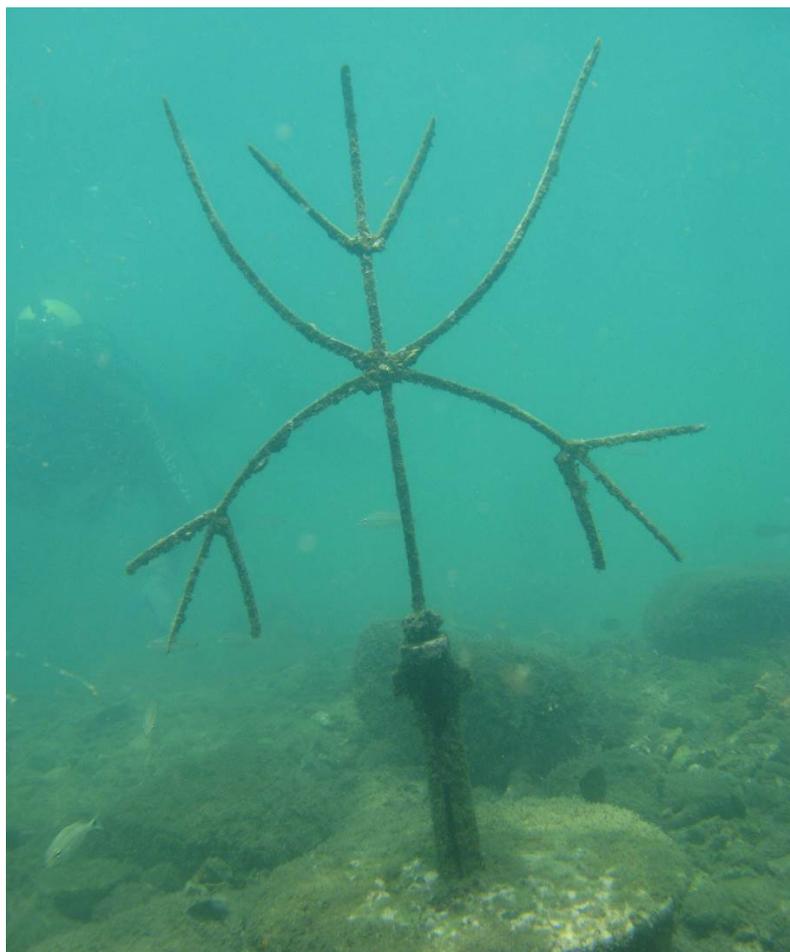


Figura 9: Assentamento de Exú, submerso, em Água de Meninos
Fonte: Foto de André Lima

A presença desse importante equipamento religioso é, talvez, a maior declaração de reapropriação do espaço de Água de Meninos por parte da comunidade local vinculada à Feira de São Joaquim e, mesmo, à antiga Feira de Água de Meninos. Talvez esse dilema encontre sua melhor resposta no totem submerso de Água de Meninos; na reafirmação do controle popular desse espaço, não com base nas autoridades laicas estatais, mas através de forças espirituais muito mais poderosas e legítimas, segundo o ponto de vista da população; forças que protegem a comunidade de eventuais novas calamidades como aquela que quase destruiu um de seus principais espaços de sociabilidade e manifestação cultural. É importante deixar claro que, neste caso em específico, o conceito de 'lixo' não se aplica na medida em que não estamos diante de

um processo de descarte de uma materialidade considerada como ‘esgotada’ em termos de seu papel social ativo. Isso se adequa, entretanto, às observações sobre a multiplicidade tipológica dos elementos submersos que, por algum motivo, precisam ser ocultados do grande público, sendo intencionalmente dispostos nesse mundo subaquático e inacessível, segundo a visão de Arnshav (2014, p. 06): “Many are clearly related to waste disposal, whilst others seem to spring from spontaneous mischief or a need to conceal items related to ‘shady business’. Needless to say, there are also practices having to do with superstition or rituals”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propostas interpretativas aqui ofertadas dialogam com algumas das ‘arqueologias do contemporâneo’ apresentadas no início deste texto, ao mesmo tempo em que se distanciam de outras. Nesse sentido a relação com os estudos do ‘lixo’, nos moldes de uma ‘garbologia’ nos insere no âmbito das discussões de Rathje (1981) e Arnshav (2014), relativas aos comportamentos de descarte e gestão de resíduos das sociedades contemporâneas, deixando de lado, entretanto, as proposições etnoarqueológicas comparativas que marcaram o trabalho do primeiro. Com relação a isso os trabalhos realizados reafirmam as proposições de muitos autores, devidamente desenvolvidas em Arnshav, sobre o uso do ambiente aquático como um espaço de práticas não reguladas de ações de descarte que vão desde o alijamento de cargas até a deposição do lixo cotidiano, baseando-se em uma “[...] widespread human illusion; namely that the sea can ‘take it’, that it can make our discard “disappear” (ARNSHAV, 2014, p. 21). Os ambientes da região de Água de Meninos e do sítio da Enseada da Ilha do Bom Abrigo, anteriormente apresentados, diferentes como o são em termos das estruturas de controle, tipo de atividade marítimas e público, não indicam, entretanto, diferentes procedimentos de descarte, revelando, antes, uma mesma ideia de supressão baseada no desaparecimento do controle visual e a crença em um pretenso poder regenerativo/purificador intrínseco do mar.

Como bem indica a Arnshav (2014), a própria questão do lixo também está conectada ao conceito da ‘supermodernidade’ de González-Ruibal (2008) na medida em que ali teríamos uma sociedade superprodutora de resíduos relacionados ao extremo consumo, o que estaria levando, como consequência, a um processo de poluição e degradação dos ambientes naturais em escala global. Isso também encontra representação na cultura material identificada em ambos os espaços marítimos aqui trabalhados, marcada, como está, por uma ampla diversidade de produtos industrializados. Entretanto, do ponto de vista dos autores deste texto, há ainda um outro aspecto a ser considerado no que tange à ‘supermodernidade’, e que referenda a posição crítica de González-Ruibal (2008) sobre o fracasso ou pelo menos os limites desse modelo que é apresentado ideologicamente como hegemônico. A própria prática de descarte inconsequente detectada estaria em pleno desacordo com as propostas de comportamento controlado que deveriam existir em pelo menos um desses ambientes: a área de Água de Meninos, relacionada ao Porto Organizado de Salvador. Ali, não pudemos observar a mesma rigidez de fiscalização que encontramos para outros comportamentos sociais dos profissionais marítimos, aplicada igualmente à gestão dos resíduos da indústria de construção e reparação náutica. É provável que tal situação possa ser explicada pelos próprios interesses capitalistas dessa indústria que, cerceada pelas exigências dos instrumentos jurídicos do direito do trabalho,

que conta com um amplo aparato fiscalizador, tenha optado por cortar custos relacionados aos procedimentos de gestão de resíduos sólidos, esfera jurídica com instituições menos instrumentalizadas infraestruturalmente para exercer suas atividades normais de proteção ambiental.

A discussão estabelecida acima nos leva a outro aspecto fundamental deste trabalho, qual seja: as preocupações com um engajamento da prática arqueológica com os chamados grupos ‘subalternos’, como proposto por Buchli e Lucas (2001). Isso é manifestado de forma clara na medida em que tratamos de segmentos profissionais como marítimos e operários das indústrias naval e pesqueira, além de pescadores artesanais e grupos religiosos afro-brasileiros. Os elementos materiais encontrados pelas ações de pesquisa desenvolvidas em Água de Meninos se revelaram extremamente significativos no que se refere à composição de uma melhor compreensão acerca dos processos sociais, econômicos e religiosos relacionados ao passado recente e às ações contemporâneas ainda em plena operação naquela porção do espaço marítimo que pertence ao Porto Organizado de Salvador. Mais uma vez, como bem argumenta Arnshav (2014, p. 21): “[...] it is suggested that marine debris with a known context may be a useful archaeological record for grasping practices and every-day actions associated with the site”. No caso da materialidade identificada no ambiente submerso de Água de Meninos, ela nos conta sobre a implantação de relações de poder desiguais marcadas por um intenso processo de controle social dos trabalhadores marítimos ali alocados, com a eliminação e a dissolução das formas de expressão individual em prol de uma massificação das relações de produção e o combate sistemático às práticas identitárias, pouco afeitas às ações regulatórias tidas como adequadas para o espaço ultra especializado de trabalho que se implantou, seguindo padrões impostos pelas grandes corporações industriais, nos moldes da ‘supermodernidade’ globalizante identificada por González-Ruibal (2008).

Por fim, o caráter conflituoso definido, tanto por Buchli e Lucas (2001) quanto por González-Ruibal (2008), como chave para uma arqueologia do contemporâneo, se manifesta nas proposições interpretativas relacionadas às estratégias de resistência adotadas pelos marítimos, especialmente no que tange à sua luta pelo direito de acesso aos espaços aquáticos, seja em relação aos direitos de trânsito e/ou exploração de recursos biológicos marinhos, evidenciados nos equipamentos náuticos associados à pesca artesanal, seja no que se refere ao desenvolvimento de suas práticas religiosas de reafirmação identitária comunal. Essa materialidade, divina e terrena, é fundamental, também, para que desconstruamos a ideia de um espaço aquático de Água de Meninos como um ‘não lugar’, nos moldes pretendidos pelas forças estruturantes de uma ‘supermodernidade’, na visão de González-Ruibal (2008). Muito mais do que um espaço asséptico e despersonalizado relacionado aos mecanismos de controle erigidos pelo trabalho industrial, Água de Meninos manteve, e ainda mantém, os qualificativos de um lugar de pertencimento.

O balanço final dos resultados ofertados pelo presente trabalho, por parte dos autores, é de que a construção de uma arqueologia do contemporâneo de contextos submersos, como indicado por Arnshav (2014), tem um enorme potencial para compreensão crítica do presente, tocando em questões fundamentais estruturantes de nossa realidade cotidiana e que, portanto, deve ser ampliada e utilizada como uma ferramenta transformadora de nosso futuro, como já conclamado por Shanks e Tilley (1992); Buchli e Lucas (2001); e González-Ruibal (2008)

Agradecimentos

Os autores agradecem à CODEBA, empreendedor que possibilitou o desenvolvimento do levantamento arqueológico aqui discutido, e a toda equipe do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, principalmente a seu diretor, Prof. Dr. Carlos Caroso. Os autores agradecem também aos pesquisadores Drs. Fabiana Comerlato e Luydy Fernandes, ao Laboratório de Estudos Costeiros do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, através das figuras do Prof. Dr. Jose Maria Landim Dominguez e do aluno de mestrado Pedro M. S. Pereira, e aos companheiros subaquáticos André Lima e Mário Andion. Sem o estimado apoio de todos eles, nada poderia ter sido feito.

ÁGUA DE MENINOS: INSIGHTS OF A UNDERWATER ARCHEOLOGY OF THE CONTEMPORARY SOCIETY

Abstract: the current article aims to explore a particular collection of artifacts identified in under water environments associated with Salvador harbor, in a region historically known as “Água de Meninos”. The approach has been based on the idea of a maritime garbology from a perspective of a seafloorscape as proposed by Mirja Arnhav. The study goes through the originality of the discussion into Brazilian archeology concerning a maritime archeology of contemporary or recent past contexts, being able to establish a dialogue with the rare national production on the subject. It presents therefore an interpretative proposal about the different cultural processes wich have taken place and/or has been taking place in such maritime environment.

Keywords: Água de Meninos. Maritime Archaeology. Underwater Archaeology; Garbology.

Notas

- 1 Vide <http://www.pierreverger.org/br/component/phocagallery/category/519-marche-agua-de-meninos.html>.
- 2 Neste caso, verdadeiramente nunca perdido.

Referências

- ARNSHAV, Mirja. The freedom of the seas: untapping the archaeological potential of Marine Debris. *Journal of Maritime Archaeology*, v. 09, p.01-25, 2014.
- AMARAL, Daniela. M. *Loiça de barro do agreste: um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- Andrade, André. W. O. *Arqueologia do lixo: um estudo de caso nos depósitos de resíduos sólidos da cidade de Mogi das Cruzes em São Paulo*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- ANDRÉN, Anders. *Between artifacts and texts – historical archaeology in global perspective*. Translated by Alan Crozier. New York: Plenum Press, 1998.
- ARAÚJO, Ismael Xavier de; SASSI, Roberto; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana. Pescadores Artesanais e pressão imobiliária urbana: Qual o destino dessas comunidades

tradicionais? *Revista de Gestão Costeira Integrada*, vol.14, nº 3, p. 429-446, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rgci/v14n3/v14n3a06.pdf>. Acesso em: 15 maio 2019.

ARAÚJO, Solange S. *As fontes de água em Salvador da Bahia da função à memória*. Salvador, 2011. p. 01-05. Disponível em: <http://www2.cm-evora.pt/AquedutosdePortugal/conferencistas/texto%20C%C3%A2mara%20%20C3%89vora.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.

BAIRD, Donald M. *Under Tow: a history of tugs and towning*. St Catherines, Ontario: Vanwell Publishing, 2007.

BAVA-DE-CAMARGO, Paulo F. *Arqueologia das fortificações oitocentistas da planície costeira Cananéia/Iguape, SP*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BOWENS, Amanda. *Underwater archaeology – The NAS guide to principles and practice*. 2. ed. Porthsmouth: NAS, 2009.

BUCHILI, Victor; LUCAS, Gavin (eds.). *Archaeologies of the contemporary past*. London: Routledge, 2001.

DIEGUES, Antônio C. *Nosso Lugar virou parque: estudos socioambientais do Saco do Mamanguá – Parati*. 3. ed. São Paulo: NUPAUB/USP, 2005.

DURAN, Leandro D. *Arqueologia marítima de um Bom Abrigo*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ESPAÑA. Museo Nacional de Arqueología Marítima. Centro Nacional de Investigaciones Arqueológicas Submarinas. *La Arqueología Subacuática em España*. Murcia: Ministério de Cultura, 1988.

FERNANDES, Margareth M. S. *Comunidades de pescadores artesanais de Meleiras e Barreiras, Conceição da Barra, ES: inserção dos territórios tradicionais na dinâmica econômica capixaba*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FERREIRA JÚNIRO, Amarílio; BITTAR, Marisa. Educação jesuítica e crianças negras no Brasil Colonial. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 80, n. 196, p. 472-482, 1999.

FUNARI, Pedro; ZARANKIN, Andrés; REIS, José (orgs.). *Arqueologia da repressão e da resistência*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2008. (História e Arqueologia em Movimento).

GOULD, Richard. *Archaeology and the social history of ships*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo ; HARRISON, Rodney; HOLTRE, Cornelius; WILKIE, Laurie. Archaeologies of archaeologies of the contemporary past: An Interview with Victor Buchli and Gavin Lucas. *Journal of Contemporary Archaeology*, v. 1, n. 2, p. 265-276, 2014.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo Time to destroy - an archaeology of supermodernity. *Current Anthropology*, v. 49, n. 2, p. 247-279, 2008.

GREEN, Jeremy. *Maritime archaeology – a technical handbook*. 2. ed. San Diego: Elsevier Academic Press, 2004.

GREENHILL, Basil; MORRISON, John. *The archaeology of boats and ships – na introduction*. London: Conway Maritime Press, 1995.

GUIMARÃES, Ricardo dos S. *Arqueologia em sítios submersos: estudo do sítio depositário da Enseada da Praia do Farol da Ilha do Bom Abrigo - SP*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GUIMARÃES, Ricardo dos S. Arqueologia subaquática na enseada da Praia do Farol da Ilha do Bom Abrigo (SP). *Revista Navigator*, n. 09, p. 47-64, 2010.

HARRISON, Rodney. Surface assemblages: towards an archaeology in and of the present. *Archaeological Dialogues*, v. 18, p. 141-96, 2011.

HARRISON, Rodney; BREITHOFF, Esther. Archaeologies of the contemporary world. *Annual Review of Anthropology*, v. 46, p. 203-221, 2017.

LEITE, Serafim. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil: 1538-1553*. Coimbra: Tipografia da Atlântida. v. I., 1956. (Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo).

LEONE, Michael. Archaeology's relationship to the present and the past. In: Richard Gould; Michael Schiffer (ed.). *Modern Material Culture – The archaeology of us*. New York: Academic Press, 1981. (Studies in Archaeology). p. 05-14.

LOPES, Vera F. M. *Era uma vez uma Ilha de Pescadores: impactos socioambientais dos grandes complexos industriais, conflitos e resistência (Ilha da Madeira/Itaguaí/RJ)*. Tese (Doutorado em Meio Ambiente) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MATTA, Alfredo E. R. *Casa Pia Colégio de Órfãos de São Joaquim: de recolhido a assalariado*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

MATTERSON, George. *Tugboats of New York: An Illustrated History*. New York: NYU Press, 2007.

MUCKELROY, Keith. *Maritime archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978. (New Studies in Archaeology).

NEYLAND, Robert S. Underwater archaeology of the World Wars. In: CATSAMIS, A.; FORD, B.; HAMILTON, D. *The Oxford Handbook of Maritime Archaeology*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 708-729.

NOVAES, Luciana de C. N. *A morte visível e a vida invisível: um estudo sobre o assentamento de Exu e a paisagem sagrada da Enseada de Água de Meninos, Salvador (Bahia)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2013.

NUTLEY, David. Underwater archaeology. In: STANIFORTH, M.; NASH, M. *Maritime Archaeology: Australian approaches*. New York: Springer, 2006. p. 83-96.

OLIVEIRA, Mário M. de. As primitivas defesas da cidade de Salvador. *Revista da Cultura*, ano VII, n. 12-13, p. 10-21, 2007.

PALACIOS, Tulio *et al.* Caracterización metalúrgica de una Tapa de Guerra del Acorazado "Graf Spee". *Revista de Arqueología Americana*, n. 26, p. 241-253, 2008.

PORTO, Otávio. A. *Arqueologia marítima/subaquática da 2ª Guerra: sua aplicabilidade no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2013.

241 RAMBELLI, Gilson. *Arqueologia até debaixo d'água*. São Paulo: Maranta, 2002.

- RATHJE, William. A manifesto for modern material-culture studies. In: Richard Gould; Michael Schiffer (ed.). *Modern Material Culture – The archaeology of us*. New York: Academic Press, 1981. p.51-66 (Studies in Archaeology).
- RICHARDS, Nathan; SEED, S. K. (ed.). *The archaeology of watercraft abandonment*. New York: Springer, 2013.
- ROSA, Roberta da S. *Sergipe no contexto da Segunda Guerra Mundial (1942): uma abordagem da Arqueologia de Ambientes Aquáticos*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2015.
- SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher. *Re-constructing archaeology – theory and practice*. 2nd. Edition. London: Routledge, 1992.
- SILVA, Fabíola A.; NOELLI, Francisco. Mobility and territorial occupation of the Asurini do Xingu, Pará, Brazil: na archaeology of the recente past in the Amazon. *Latin American Antiquity*, v. 26, n. 4, p. 493-5, 2015.
- SILVEIRA, Karla A. *Conflitos socioambientais e participação social no Complexo Industrial Portuário de Suape, Pernambuco*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- SIMON, Sônia M. D. *Água de Meninos – Memórias da cidade de Salvador*. p. 01-14, Salvador Seminário Arte e Cidade, 2006. Salvador. Disponível em: http://www.artecidade.ufba.br/st2_SMD.pdf. Acesso em: 10 nov. 2015.
- SOUZA, Luis A. P. *Revisão crítica da aplicabilidade dos Métodos Geofísicos na investigação de Áreas submersas rasas*. Tese (Doutorado em Oceanografia Química e Geológica) - Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- SOUZA, Rafael A. Da Cerâmica ao plástico: arqueologia histórica das populações pescadoras do litoral norte da Bahia ao Longo do Século XX. *Clio - Série Arqueológica*, v. 27, p. 01-32, 2012.
- SOUZA, Rafael A. Grés, vinho e imigração: arqueologia de uma produção vitivinícola, São Paulo, 1920-1950. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, v. 8, n. 1, p. 39-58, 2013a.
- SOUZA, Rafael A. Margarina, Modernidade e arqueologia, São Paulo (1940-1970). *Revista de História da Arte e Arqueologia*, v. 20, p. 05-37, 2013b.
- SOUZA, Rafael A. Novos paradigmas à cultura material sertaneja e a Arqueologia do século XX nos sertões do Pernambuco, Ceará e Piauí. In: I SEMANA DE ARQUEOLOGIA, Unicamp, 2013, Campinas-SP. Anais [...]. São Paulo: Unicamp, LAP/LEP-AM, v. 1, p. 01-16, 2013c.
- SOUZA, Rafael A. Pixações sob a ótica da arqueologia urbana. *Revista de Arqueologia Pública*, n. 8, p. 135-156, 2013d.
- THIESEN, Beatriz V. Antes da poeira baixar: reflexões sobre uma arqueologia do passado recente. *Revista Memorare*, Santa Catarina, v. 1, n. 1, p. 222-226, 2013.